

7º CAPÍTULO

VIDA EM FAMÍLIA A SUA AJUDA À SOCIEDADE RECREATIVA PROGRESSO OLHANENSE E AO SPORTING CLUBE OLHANENSE

Jacinto Ferreira, teve o prazer de viver e trabalhar com os seus filhos, legando-lhe a sua coragem e experiência. Mas não há felicidade completa. Em 1952, faleceu a sua única filha de 22 anos, Ermelinda de Jesus Martins Ferreira. Em 1985, novo golpe. Morre com 50 anos, o seu filho Humberto Jacinto Ferreira. Calculamos a sua dor pois era um pai amantíssimo.

Entretanto vão chegando os netos do filho António Jacinto Ferreira Júnior: Ermelinda Maria Faustino Jacinto Ferreira em 1956, Filomena de Jesus Faustino Jacinto Ferreira em 1957, António Jacinto Ferreira, em 1959, João Paulo Faustino Jacinto Ferreira em 1970.

Do seu filho Humberto, nasceu Humberto Joaquim Jacinto Ferreira em 1964. Ana Isabel Moleiro Jacinto Ferreira em 1968 e Daniel Paulo Jacinto Ferreira em 1975.

Do seu filho mais novo, Jorge Jacinto Ferreira, nasce Lúcia Maria Dâmaso Jacinto Ferreira em 1970 e Jorge Dâmaso Jacinto Ferreira em 1974.

Estes netos e netas, adoçaram a sua vida e faziam esquecer um pouco as contrariedades, com que a sua empresa teve de lutar.⁽⁶⁰⁾

Em 1925, António Jacinto Ferreira, com 22 anos, casa-se com Ermelinda de Jesus Martins de 19 anos. Filha de modestos pais que exploravam um pequeno negócio. O pai da noiva não ia muito com a cara do noivo, e este casamento não o entusiasmava. O rapaz não era de Olhão, vinha do Alentejo e era ainda muito jovem.

O dinheiro não abundava. Jacinto Ferreira tinha o hábito de investir tudo o que ganhava, e nesses começos de vida, estava quase sempre sem dinheiro em caixa.

(60) António Jacinto Ferreira Júnior - "Memórias de Meu Pai"

“O noivo aluga casa, compra uma mobília de quarto e adquire vários objectos caseiros. Mas na véspera do casamento, teve um acesso de loucura e vai comprar umas reluzentes botas. Essa extravagância deixou-o com a bolsa vazia. No dia do casamento não tinha dinheiro.

Resultado, dali a dois dias tinha uma remessa de gelo a pagar no valor de 900\$00 e ele era escrupuloso com as datas de pagamento. É certo que tinha dinheiro a receber de clientes, mas de momento não tinha cinco reis na algibeira.”⁽⁶¹⁾

Nestes apuros, teve que se apresentar de corda ao pescoço, diante da sogra e pedir o dinheiro emprestado. Não sei se o pai da noiva soube desta desgraça, mas julgo que não. O que sei é que este apesar das suas reticências, em breve se apercebeu do valor do genro e tornou-se um verdadeiro amigo, e mantiveram sempre as melhores relações.⁽⁶¹⁾

Era amicíssimo dos filhos. Brincava com eles às cambalhotas. Quando as crianças se excediam nas tropelias e mereciam uma correcção, a mãe se o pai estava presente, fingia uma grande irritação, dava-lhes umas sapatadas, para impedir que o pai lhes batesse e ia dizendo com ar de zangada, não lhe batas que eu já tratei deles.⁽⁶¹⁾

Era severo na hora da entrada dos filhos em casa. Uma vez simulou, não deixar entrar em casa o filho mais velho, pois este descuidou-se e tinha-se atrasado no regresso do cinema.

Aos domingos ia com a mulher e os filhos à missa, estes foram acólitos do padre Delgado na celebração dominical.

Não gostava de trazer amigos para casa. Por vezes aos domingos, gostava de ir jogar ao Café Avenida a sua partida de bilhar. A esposa era uma mulher de trabalho, e sempre que podia trabalhava juntamente com ele, às vezes até às dez horas da noite. Ele não queria, mas ela respondia, temos uma factura para pagar em tal dia.

“A vida foi melhorando, e em 1951 foram morar para a casa onde tinha vivido o poeta João Lúcio, na Av. da República. A renda era cara, pagavam 1.000\$00, mas a casa tinha 12 divisões e um quintal. Ao domingo da parte da

(61) Sua esposa, D. Ermelinda de Jesus Martins Ferreira

(61) Sua esposa, D. Ermelinda de Jesus Martins Ferreira



A PRIMEIRA CASA ONDE MOROU, ANTÓNIO JACINTO FERREIRA.
RUA DO PINHEIRO, 22

tarde, sempre que era possível ia com a mulher e os filhos, dar uma volta de automóvel. Não fazia visitas à casa dos amigos e não aceitava convites para ir a festas ou a bailes. Fazia uma vida modesta e tranquila, não gostava do barulho e da agitação. Nas noites de Carnaval, e na noitada de S. João, era quando se deitava mais cedo.”⁽⁶²⁾

Com o aumento das responsabilidades, passava pouco tempo em casa, pois o dia era absorvido pelos afazeres nas fábricas. Mesmo para a refeição do meio dia raras vezes comia com a família, levavam-lhe o almoço.

Se à noite saía, quase sempre era para assistir a uma reunião na Sociedade Recreativa Progresso Olhanense, ou no Sporting Clube Olhanense.”⁽⁶²⁾

Trabalhando no meio de centenas de mulheres, não se lhe apontavam aventuras, nem amantes, o que não deixava de ser estranho, pois nessa época de novo riquismo por vezes levado ao ridículo, a concubinação era uma espécie de instituição, olhada com indulgência. Um cronista escrevia sobre o assunto: “em Olhão as pessoas tentam “Viver de Fachada”, isto é adquirindo toda uma série de coisas a que seja atribuído qualquer realce.

Por exemplo, o numero de mulheres que o homem possui, é algo que dentro da escala de valores, confere um certo prestígio. Esta manifestação está ligada às classes económicas mais abastadas.”⁽⁶³⁾ Não era raro avaliar a situação dos negócios de certos industriais conserveiros, pelo número de amantes que tinham.

Era um hábito olhanense, uma espécie de cartão de apresentação que a ninguém surpreendia.

Jacinto Ferreira, integrou-se inteiramente na vida do dia a dia do povo olhanense. Era uma época marcada pela simplicidade. A rádio ainda não estava muito difundida no país. Basta dizer que o primeiro rádio receptor a ser escutado em Olhão, foi no ano de 1926. Por sua vez o cinema apenas dava, sessões dois dias por semana. Depois do trabalho havia bastante tempo livre.

Para algumas pessoas de certo nível social se encontrarem e conviverem, existiam a Sociedade Recreativa Olhanense, fundada em 1858, conhecida pela

(62) Sua Esposa D. Ermelinda de Jesus Martins Ferreira

(63) Filipe Ramires - “Falando Sobre a Mundovivência Olhanense”
In. Sporting Olhanense -1973 N° 172



A SEGUNDA RESIDÊNCIA DE ANTÓNIO JACINTO FERREIRA NO PRIMEIRO ANDAR DA RUA ALEXANDRE HERCULANO, 18

“Recreativa Rica”, e o “Clube Recreativo Olhanense”, mais conhecido por “Grémio Olhanense”, este fundado em 1887.

Nestas sociedades organizavam-se, “Chás Dançantes”, récitas, serões de música, uma ou outra palestra cultural, e bailes de grande luxo. Eram lugares destinados a gente bem colocada na vida, um escol social com algum nível cultural, por isso era rigoroso o processo de admissão. Eram bastantes, aqueles que esperavam ser admitidos durante anos e não o conseguiam. Ao ler a lista dos cinquenta e seis sócios fundadores da “Recreativa Rica” podemos verificar que ela continha os nomes mais relevantes da sociedade olhanense dessa época. Essa relação, menciona os nomes dos juizes efectivos e substitutos do tribunal ordinário de Olhão; do subdelegado do procurador régio do mesmo tribunal; os dos escrivães-tabeliães; os do presidente, vice-presidente, vereadores e escrivão da câmara municipal; os do director, presidente da mesa grande, tesoureiro e oficiais da alfândega e do capitão do porto, juntava-se ainda o nome de todos os médicos, farmacêuticos e advogados, o pároco da vila e outros sacerdotes da paróquia, os mais importantes armadores, capitães da marinha mercante, proprietários, industriais e comerciantes de Olhão.⁽⁶⁴⁾

Como se deve compreender, a “Recreativa Rica”, ou o “Grémio, eram lugares, onde o marítimo, o empregado comercial, o modesto comerciante não tinham entrada. Nesses tempos havia uma rígida separação de classes. Para o povo, ficavam os bailes populares, que se realizavam três ou quatro vezes por semana, nos mais diversos lugares, em muitos casos em barracões alugados. Contavam ainda com as festas e bailes organizados pelas bandas musicais “Música Velha” e “Música Nova”. Nas não existia uma casa, uma associação, uma recreativa onde as classes mais modestas, se pudessem reunir, fazer as suas festas e organizar os seus bailes, sem ser debaixo da tutela de outras agremiações.

“Esta aspiração de muitos, foi levada a cabo, por César Augusto da Silva, um modesto operário, um pintor de brocha, que conseguiu reunir trinta e seis amigos, para esse fim. E a 16 de Janeiro de 1918, é constituída a Sociedade Recreativa Progresso Olhanense, que começou a funcionar num armazém, na rua Almirante Reis, onde hoje está a Farmácia Progresso.”⁽⁶⁵⁾

Muitos dos sócios fundadores, eram modestos trabalhadores manuais, como o João Tomás da Graça, (Tanoeiro) João Rodrigues Valente, (Carpinteiro

(64) Antero Nobre - “Os Sócios Fundadores da Recreativa Rica”
In Sport. Olh. 1981 N° 330

(65) João Sales Socorro - “Carta da América” - In Sport. Olh. 1988 N° 487



NO TEMPO DE ANTÓNIO JACINTO FERREIRA, O TEATRO DE
AMADORES EM OLHÃO, MARCAVA UMA VIVA PRESENÇA.
OS ACTORES QUE ACTUARAM NA REVISTA “PITA E FANGA”
EM 1932

Naval) Edmundo Botelho, (Serralheiro) não esquecendo o sócio número um, que era pintor de brocha, e ainda alguns marítimos, empregados comerciais, e comerciantes de pequeno trato comercial.

A mobília da sede, era constituída por uma bancada desmontável, que servia de secretária e pequenos caixotes que serviam de bancos. Aos domingos realizavam-se bailes, que duravam até madrugada, isto porque, o descanso semanal nesse tempo era à segunda feira.”⁽⁶⁶⁾

E caso singular. Enquanto na “Recreativa Rica” e no “Grémio”, não podiam entrar operários, o estatuto da Recreativa Progresso Olhanense, proibia a entrada de patrões, ou gente de artes liberais, como médicos, advogados, ou ainda funcionários de nível superior, ou soldados, mas estes por questões políticas. O seu primeiro estatuto, continha alusões discriminatórias contra capitalistas e burgueses. E coisa esquisita, difícil de explicar. Proibia-se a entrada de raparigas e mulheres que fossem criadas de servir,⁽⁶⁷⁾

Alguns sócios, desses primeiros tempos, era gente rude, sem hábitos de convivência social. Basta recordar que o sócio fundador, foi acusado da cobrar em seu proveito, alguns tostões, numa compra de petróleo para iluminação. O que era mentira, e foi expulso. Desgostoso emigrou para Marrocos onde viveu vários anos. Regressando a Olhão, nunca mais pôs os pés na Recreativa que ele fundara.”⁽⁶⁸⁾

Jacinto Ferreira, teve sempre carinho e amor, pelas coisas e pela história de Olhão. No decorrer da sua vida, e naquilo que escreveu, sempre teve uma palavra de louvor para esta terra. Não passou por ela como um forasteiro nem viveu nela como um exilado, mas viveu os seus problemas e procurou integrar-se nas suas aspirações.

E assim chegado a esta vila em Janeiro de 1918, logo no mês de Fevereiro, adere ao grupo de pessoas, que fundaram a Recreativa Progresso Olhanense. Pôs ao serviço desta associação, a sua boa vontade, o seu tempo e logo que pôde o seu dinheiro. Nem sempre foi compreendido. Nestas associações, nem todos remam na mesma direcção. Há pequenos interesses ocultos, vaidades feridas, e sobretudo uma ânsia de sobressair, de conseguir o poder. Para obterem esse fim, atropelam-se as pessoas, distorcem-se princípios e estatutos, forjam-se intrigas e soltam-se mentiras.

(66) António Jacinto Ferreira - “Nosso Companheiro de Luta” - In Sport. Olh. 1979 Nº 285

(67) Informação de José Alberto Gomes Neves

(68) João Sales Socorro - “Carta da América” - In Sport. Olh. 1988 Nº 487

Jacinto Ferreira, assistiu a estas misérias, e também foi empurrado. A sua atitude foi sempre pautada pela verdade dos factos. Se não conseguia convencer e o assunto era grave, apresentava a sua demissão e ia-se embora.

Durante muitos anos, teve um papel de relevo nos destinos da Recreativa Progresso Olhanense e no Sporting Clube Olhanense. Nem sempre foi pacífica a sua tarefa. Vamos dar um breve resumo daquilo que fez nestas duas associações.

Na Recreativa Progresso Olhanense, os primeiros anos foram um tempo de mando discriminatório, fazendo “Tábua Rasa” dos Estatutos. Eleições sucessivas foram forçadas, numa sucessiva renovação dos cargos dos corpos gerentes. O poder soberano da mesa da assembleia geral, manejado pelo respectivo Presidente, era um conjunto de irregularidades, que só acabaram com a queda dessa direcção.

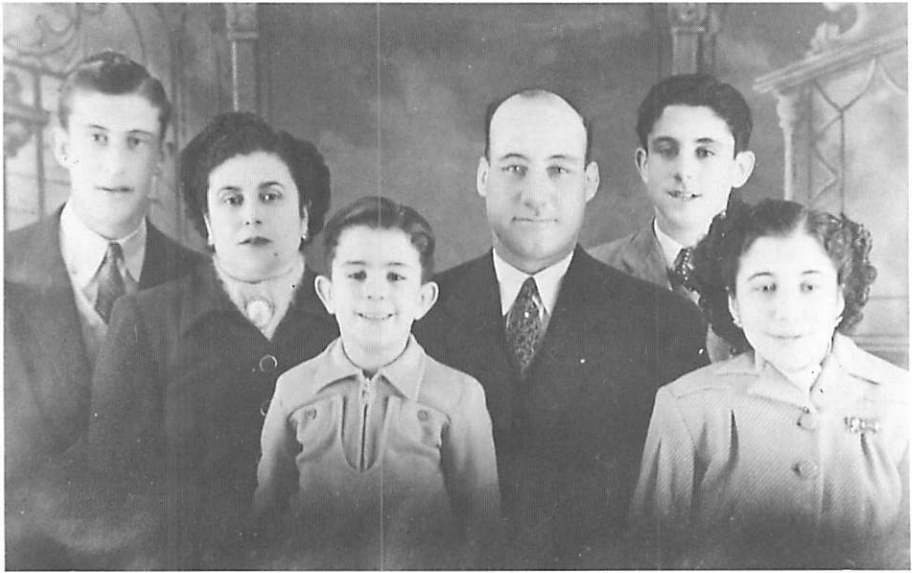
“Em 1929, compram um piano. No dia em que ele chegou à estação do caminho de ferro e foi transportado para a sede, os sócios sabedores da Boa-Nova acorreram em multidão com os seus familiares, pela curiosidade de observarem de perto o novo instrumento de música. Logo que foi descaixotado, o piano foi inaugurado, com a audição de um alegre corridinho, que pôs a dançar toda a gente.”⁽⁶⁹⁾

Entretanto do armazém da rua Almirante Reis, a Recreativa, mudou-se para um primeiro andar no Largo da Alfandega. Depois de fazerem algumas obras de adaptação, procedeu-se a uma assembleia geral para eleger uma nova direcção.

Por iniciativa do carpinteiro José Botelho, o sócio que se tinha encarregado das obras, foi Jacinto Ferreira proposto para presidente, o que este recusou, alegando, as suas constantes deslocações a que os seus negócios o obrigavam. Mas indicou o nome do seu amigo António Máximo dos Santos (Fófó), que aceitou a presidência, na condição de Jacinto Ferreira fazer parte do elenco directivo.

Aceitou o cargo de vogal, tendo como companheiros, Edmundo Botelho (Serralheiro), Raúl Piloto, funcionário dos correios e ainda outros modestos sócios. É de notar que sendo Jacinto Ferreira, um rapaz que não era de Olhão e aqui ter chegado há poucos anos, ser proposto para presidente. Por certo aquilo que o distinguiu, era o seu entusiasmo e o desejo de ser útil.

(69) João Sales Socorro - “Carta da América” - In Sport. Olh. 1988 Nº 485



ANTÓNIO JACINTO FERREIRA, COM A MULHER E OS FILHOS

Com o constante aumento dos sócios e seus familiares e os bailes que se repetiam todas as semanas, isso atraía numerosos forasteiros, que apresentados pelos sócios a direcção não podia recusar. Tornava-se indispensável arranjar, novas e mais vastas instalações. Mas onde as encontrar? Aqui o dinamismo e a visão de Jacinto Ferreira, ajudaram a resolver o assunto. Era um destes desafios que ele gostava de enfrentar. Vejamos como ele conta como resolveu este problema:

“Ocorreu-me a ideia do edifício vago na Avenida da República, um primeiro andar, propriedade dos herdeiros do “Aníbal da Farmácia” (como era mais conhecido). Contactei com o filho mais velho, como representante dos herdeiros e combinamos o preço da renda do referido primeiro andar e do grande quintal que existia anexo às traseiras do edifício, por trezentos escudos mensais, na condição da Sociedade proceder de sua conta, às obras de reparação e adaptação para o fim em vista e de eu tomar a responsabilidade pelo pagamento da respectiva renda.

Dei conhecimento do assunto ao Máximo dos Santos e ele entusiasmado seguiu comigo para o local acompanhado de José da Horta que, no rés do chão, já possuía a sua oficina de serralharia, e que nos entregou a chave da porta que dava acesso ao primeiro andar. Verificamos então, que o local era o mais indicado, mas as instalações, eram diminutas, mais pequenas do que aquelas onde a Recreativa estava instalada. Era indispensável proceder-se a grandes obras, sobretudo, um grande salão por cima do quintal, mas o dinheiro para essa dispendiosa obra onde se encontrava?

Tomei a iniciativa de procurar o mais importante construtor dessa época, o senhor José Fradinho - um senhor de grande estatura, que por contra-senso mais conhecido por José Pequeno - por coincidência o senhor já me conhecia, porque os seus dois netos eram íntimos amigos do meu filho António que em sua casa constantemente o visitavam, e expuz-lhe a nossa pretensão. Ele prometeu que nesse mesmo dia iria comigo visitar o referido edifício e estudar as possibilidades da nossa pretensão. Informei o Máximo dos Santos e à hora combinada nos encontrávamos os três no referido primeiro andar.

O senhor José Fradinho, atentamente visitou todas as dependências que constavam de uma pequena sala e anexo um quarto com altas janelas que davam para a avenida da República, ao fundo da escada uma sala de espera, ao lado mais dois quartos e a seguir, ao lado direito, um outro maior quarto com janela para a Cerca Dona Maria Ventura, que servia na altura de campo de futebol dos vários grupos de Olhão, e à esquerda, um outro quarto mais pequeno, que servia de quarto de banho.

Era tudo o que compunha o referido primeiro andar! O construtor, depois de um rigoroso estudo informou-nos que por causa da escada central, não conseguia fazer o salão que pretendíamos e a única solução, seria a de cobrir o quintal com uma grossa placa de betão armado para sobre ela se construir o grande salão que pretendíamos, mas essa obra seria dispendiosa.

Pedi-lhe que procedesse à respectiva planta e que nos apresentasse o orçamento incluindo as reparações das paredes e solos das dependências já referidas, o que nos prometeu fazer uma semana depois. Tornou-se realidade o combinado e, passado algum tempo, estudamos a planta que consistia num vasto salão, com várias e largas janelas para a referida cerca e, no lado oposto um corredor com portas de acesso para o projectado salão e, no fundo do mesmo, as respectivas instalações sanitárias para homens, porque para as senhoras aproveitaria o quarto do lado direito que por ser maior, o utilizaria para indispensáveis sanitárias e vestuário para senhoras.

Tudo estava projectado na melhor ordem e só nos restava ver o orçamento, que ele nos apresentou com todos os pormenores e que totalizava 60.000\$00 (Sessenta Mil Escudos), importância idêntica aquela que os referidos herdeiros pediam pela venda do respectivo edifício.

Em face daqueles números, o Máximo dos Santos, ficou pasmado a olhar para mim com ar interrogativo. Eu perguntei as condições de pagamento daquela importância, ao que o construtor respondeu, que como garantia, para proceder às primeiras obras de reparação lhe fosse antecipadamente entregue 15.000\$00 e quando a placa do futuro salão estivesse concluída, lhe entregaríamos, mais 15.000\$00 e quando as obras concluídas os restantes 30.000\$00, e para mim exigia que eu lhe passasse uma carta como responsável pela liquidação da referida importância.

A Recreativa tinha, então, em caixa umas centenas de escudos. O Máximo dos Santos, tomou a iniciativa de convocar uma assembleia e à qual apresentou o projecto, com o qual todos os assistentes concordaram, mas ninguém se ofereceu para contribuir para as obras que consideravam irrealizáveis, atendendo ao seu elevado custo e isso foi uma decepção para o dinâmico Máximo dos Santos e para a própria direcção. O Máximo dos Santos, somente contava comigo para aquela iniciativa da qual desistia.

Por isso, resolvi tomar a meu cargo a solução do assunto e, ao referido construtor, fiz entrega da primeira prestação e de imediato procurei o senhorio e estabelecemos o contrato de arrendamento com todas as cláusulas previamente estabelecidas, no Cartório do Dr. Henrique Gomes, pelo seu ajudante, Joaquim

dos Santos Carapeto, a escritura do arrendamento, por mim como representante legal da Sociedade e pelo representante dos herdeiros do referido edifício, foi assinada por volta da meia noite e nesse momento me foi entregue a chave e as primeiras obras se iniciaram.

Foi então que a massa associativa se convenceu, que se tornaria realidade o audacioso projecto. Quando das primeiras obras concluídas, já grande parte dos mesmos visitavam as instalações, e quando a grande placa foi também acabada o entusiasmo era enorme.

Procedi à liquidação da segunda prestação e as restantes obras prosseguiram. O Máximo dos Santos, apreciando o meu sacrifício financeiro, tomou a iniciativa de mandar imprimir atractivas acções pelo valor nominal de 100\$00, que rapidamente foram adquiridas pelos sócios com maiores facilidades financeiras e conseguiu realizar os sessenta contos correspondentes ao orçamento. Assim a primeira batalha foi vencida e quando as obras concluídas as mesmas foram totalmente liquidadas.

Foi sugerida a construção de um palco, ao fundo do salão, galerias e também o indispensável mobiliário e cadeiras, para isso foi feita nova emissão de acções que foram adquiridas pelos sócios. A inauguração da Recreativa foi feita com uma grande festa e com um baile até madrugada. Um novo grupo se formou, o celebre elenco de Teatro, chefiado pelo grande amigo Arnaldo Martins de Brito, com enorme vocação para o teatro, constituiu um grupo entre os jovens sócios com a mesma inclinação, entre eles os celebres actores amadores, o “Garrocho” e o “Vazinho” e muitos outros rapazes e raparigas, entre as quais a “Sequeirinha” que para o teatro tinha um enorme talento.

Ali se conseguiu realizar a primeira representação da inesquecível revista “Pita e Fanga”, que obteve um clamoroso sucesso.

A nossa missão, quanto ás novas instalações estava cumprida. Mas o problema da liquidação das acções, que eram reembolsáveis, subsistia porque a sociedade não tinha recursos financeiros para o fazer, e só o conseguia por sorteio aos de menos recursos. Entretanto muitos dos associados (os mais abastados) ofereceram à sociedade as suas acções. Mas existia um numeroso grupo de sócios que eram também da outra Recreativa, ou seja do Grémio Olhanense, que pretendiam a fusão com a nossa, com o que não concordamos, porque os estatutos o não permitiam.

Pediram então a convocação de uma assembleia geral, que se realizou na data estabelecida pelo respectivo Presidente e, na mesma a Direcção foi acusada,

sobretudo o Máximo dos Santos, pela fraude das acções, que deviam ter privilégio em relação aos meus empréstimos para as obras.

Quer dizer, um titular de uma acção de 100\$00 (cem escudos) teria mais direito do que eu, que tinha desembolsado 30.000\$00, que necessitava para o meu negócio. Então propuseram a demissão da Direcção e apresentaram uma lista, composta elementos daquele grupo do Grémio Olhanense.

A grande maioria, protestou e rejeitou aquela proposta e em face deste insucesso, um grupo dos mais arruaceiros resolveu que Máximo dos Santos e eu, fossemos “atirados por uma janela da sala”, para a então, já rua da Cerca, e só não conseguiram o seu insólito e criminoso propósito, porque um grupo de antigos e velhos associados, entre eles, Santos Pais (O velho Fofó), José Botelho, Manuel Rita (da Fundição), Manuel Dâmaso dos Santos, Raul Piloto, Manuel Casaca, José Fradinho (o construtor), e o senhor João Rodrigues Valente o honesto e dedicado cobrador, e muitos outros a isso se opuseram e em altos gritos condenavam tal propósito e impedindo que o mesmo fosse levado a efeito.

Restabelecida a ordem por aquele grupo, foi proposta a expulsão como sócios da Recreativa, daquele arruaceiro grupo, o que foi aprovado por enorme e quase total maioria, e também lhe foi entregue o valor das acções que lhes pertenciam e que totalizavam pouco mais de 1.000\$00 (Mil escudos). Assim terminou este lamentável conflito, e a Recreativa Progresso Olhanense continua a progredir.”⁽⁷⁰⁾

É bom parar, e fazer aqui uma reflexão: estes casos se passaram, em 1931, num período de crise e incertezas para a indústria conserveira. Jacinto Ferreira tinha então 28 anos e estava no principio da sua vida de negócios. Embora a transcrição que fizemos, seja extensa, ela é uma ajuda para se compreender a sua maneira de ser e agir.

Sabendo-se que muitas vezes, ficava na fábrica até tarde da noite, junto do pessoal, ele contudo dá o seu tempo e empresta o seu dinheiro, e sujeito a desgostos e a atitudes desagradáveis de alguns despeitados, junta-se aos amigos, para o bom êxito duma causa que ele acha útil para o bem de Olhão. Mas esta não foi a sua única luta, pelo prestígio da terra. Em breve se vê envolvido, nos graves problemas do Sporting Clube Olhanense.

(70) António Jacinto Ferreira - “Nosso Estimado Amigo e Companheiro de luta”
In Sport. Olh. 1979 N° 285

Na sua vida, em especial nos primeiros anos, há uma série de factos accidentais, que o ligam ao Futebol Clube Olhanense, que então começava a dar os primeiros passos. A maioria dos portugueses não sabia concretamente onde ficava Olhão, ou que terra era esta. Para muitos era uma vilória perto de Marrocos.

Sabiam apenas, que a palavra olhanense, significava um grupo invulgar de jogadores que conquistava vitórias após vitórias. Quando foi a primeira vez que tomou conhecimento deste clube? Ele mesmo o conta:

“Como conheci o Sporting Clube Olhanense e as vantagens que esse conhecimento me proporcionou, as alegrias e também as tristezas que sofri, eis o que pretendo passar ao papel. Em Beja, com 12 anos, nos tempos livres do meu trabalho, passava o tempo possível no Largo da Feira, desta cidade, a brincar com a bola, pouco redonda mas que ... remediava. Na época, a minha época, apenas existiam em Beja dois agrupamentos: o Pax-Julia (o antigo nome da cidade então dominada pelos romanos) que é hoje o actual “Desportivo” e o “Despertar”.

Eu pertencia escusado ser dizer ao “Despertar, que se vestia e ainda se veste de camisolas listadas de vermelho e negro e calções brancos, e os seus dirigentes militavam, politicamente, no Partido Democrático liderado pelo Dr. Afonso Costa, enquanto que o “Pax-Julia”, era dominado pelo nacionalismo do Dr. Brito Camacho. Já nessa distante época, a política estava entranhada nos clubes!

Eu, e os moços do meu tempo, especialmente em convivência amistosa com os meus condiscípulos, passávamos as noites, na clandestina escola denominada “Juventude Sindicalista”, o que era natural naquela idade e naquela época e, quem ministrava aquele ideal, eram exactamente os dirigentes do meu clube.

Tratava-se de uma mentalização do autêntico republicanismo avançado. Mas não descurava a vida profissional e o negócio, ocupava o primeiro plano do meu pensamento, embora eles condenassem tal, pretendendo que todos se integrassem na classe “Proletária” mas as minhas inclinações, devo confessar, com a sinceridade que me caracteriza, estiveram sempre ao serviço do comércio da minha família e, nesse sentido, aos 13 anos de idade decidi-me seguir para Setubal, que era nessa altura o mais importante porto da pesca da sardinha.

Eu fui à aventura, pois não tinha familiares e nem amigos naquelas paragens e, como credenciais, apenas levava o emblema do meu clube,

orgulhosamente bem à vista na lapela do casaco. Fui à aventura e deixei o meu destino entregue a Deus! E, para me distrair na viagem Beja - Setúbal, feita de comboio, comprei um exemplar do jornal, "O Mundo", do Dr. Afonso Costa e foi nesse jornal, na respectiva página dedicada ao desporto que, pela primeira vez, deparei com o nome do Sporting Clube Olhanense, e que ilustrava a seguinte notícia:

"No Algarve, precisamente em Olhão, existe um clube de futebol, ainda jovem, denominado Sporting Clube Olhanense, e que já está a salientar-se, nos jogos que realiza com os seus principais rivais: o Ginásio, também desta vila e com o Sporting Farense, da capital algarvia, que com facilidade os vence por elevado numero de golos.

O referido clube, tem como equipamento, camisolas às riscas pretas e vermelhas, calção branco, e é orientado por Salvador do Carmo, um jovem construtor civil, natural de Lisboa, que aquela vila se deslocou, temporariamente, a exercer a sua profissão. O referido clube foi fundado em 1912 e possui uma equipa com bons jogadores, sobretudo um jovem ponta-direita de apelido Cassiano, que com os seus portentosos pés, não é fácil a qualquer guarda-redes defender as bolas, que mais parecem "tiros"; um avançado centro muito habilidoso, uma meia-defesa portentosa, dois defesas de categoria, o esquerdo um robusto rapaz de nome Armando Amâncio; o da direita, menos robusto, mais alto, mas muito habilidoso - Falcate - fazem uma excelente "Parelha".

O referido treinador-jogador Salvador do Carmo, um ferrenho sportinguista, tem feito grandes elogios do referido clube, de tal forma que o Sporting de Lisboa, pretende dele fazer sua filial e os jogos realizam-se no Largo da Feira. Este clube impressionou-me de tal maneira, que já via nele o meu "Despertar", pelo que ansiava conhece-lo e se tivesse tido conhecimento da leitura do artigo de jornal dirigido pelo Dr. Afonso Costa, antes de ter traçado a minha deslocação rumo a Setubal, tê-lo-ia feito rumo a Olhão. Mas Setúbal esperava-me e, aí, devo confessar, ganhei muita experiência. À dita cidade cheguei de madrugada, com o meu inseparável emblema "Despertar"- "Olhanense".

O dono de um armazém, a quem me dirigi, perguntou-me com um sorriso: Então você é do olhanense? o dito senhor tinha reparado para a lapela, onde estava o emblema do "Despertar" agora "Despertar-Olhanense" e como há semelhança nas cores e até no desenho do próprio emblema, julgou que eu era de Olhão. A ele respondi-lhe: Não, não sou de Olhão, mas sou do Olhanense! Dir-me-ia ele: Eu também tenho grande admiração pelo clube algarvio, aliás

aqui em Setúbal, o Olhanense está a ganhar muita simpatia, mercê das notícias elogiosas vindas através da imprensa.

A seguir perguntou-me o motivo da minha presença na cidade. Estou aqui para trabalhar. É evidente que lhe satisfiz a curiosidade, dizendo que pretendia enviar peixe para a zona de Beja, onde já contava com seis clientes, mas ainda não tinha, para isso, reunidas as condições indispensáveis, especialmente o necessário local de acção. A este meu lamento, pediu-me para entrar nas instalações e indicou-me um grande espaço que se encontrava vazio e exclamou: aqui o tem para si e de “Borla”. O Olhanense que eu, nunca tinha visto, acabava de me proteger e eu agradeci. Agradeci com todo o meu reconhecimento, tanto mais que a sua gentileza não ficou por aqui. Na verdade, o bom e hospitaleiro homem, dispensar-me-ia as sardinhas, algumas caixas de sal, tudo pelo mesmo preço que as havia adquirido e as suas próprias empregadas prepararam as seis caixas de sardinhas, que eu logo fiz seguir para Beja.”⁽⁷¹⁾

Dias depois, de Setúbal vai a Lisboa para comprar peixe grosso. Aí chega à fala com o dono de um armazém, que ao olhar para o seu emblema lhe pergunta: “o senhor é de Olhão da terra do Olhanense? ao que eu respondi -” de Olhão não sou, mas do Olhanense já sou.” Ainda não se tinha filiado mas já o era, pelo coração. Perguntei-lhe onde poderia encontrar um armazém. E com Deus a meu lado e o tal emblema do “Despertar” que se confundia com o emblema do Olhanense, ouvi a sua resposta. Pode fazer aqui mesmo a sua vida. Mais uma vez a simpatia do Olhanense, tinha-me facilitado as coisas.”⁽⁷²⁾

Chegado a Olhão, desde as primeiras horas, a sua vida começa a ficar ligada aos conhecimentos que arranjou com os adeptos e jogadores do Olhanense. “Ele recorda essa hora: Cheguei enfim ao Largo da Feira. Rapidamente, avistei as camisas listadas de encarnado e preto e os calções brancos, tratava-se dos representantes do Sporting Clube Olhanense, estavam na sua preparação física. Lá vi pela primeira vez, figuras cujo nome já havia decorado. O Armando Amâncio, o Falcate, o simpático guardião de nacionalidade italiana Paulo Castela, e o célebre Cassiano.

Logo que o Armando Amâncio, um dos “Patrões” me viu, deduziu que eu seria um candidato a jogador e por isso abandonou o treino e a mim se dirigiu e sorriu, logo que deparou com o meu emblema, símbolo parecido com o do clube de Olhão. Desnecessário será dizer que a partir de aí os conquistei,

(71) António Jacinto Ferreira - “Nosso Velho Companheiro de Luta”
In Sport. Olh. 1979 N° 291

(72) António Jacinto Ferreira - “Nosso Velho Companheiro de Luta”
In Sport. Olh. 1979 N° 292

especialmente Armando Amâncio, que ficou a ser um dos meus grandes amigos.”⁽⁷³⁾ A esses amigos recorria com frequência, para se orientar na sua vida comercial, pois todos estavam mais ou menos ligados ao negócio do peixe, e conheciam perfeitamente o mercado. Mais uma vez, o seu entusiasmo pelo Olhanense, facilitava essas informações e dava-lhe oportunidade de conhecer melhor o ambiente de Olhão.

“Os últimos anos, da primeira Grande Guerra, provocou uma estagnação quase completa nos clubes algarvios. Em 1919 Manuel Jorge e o seu irmão Marcolino Jorge, reorganizaram o clube. Os fundos da loja do seu estabelecimento de mercearia, no Largo da Restauração, onde hoje está instalado o Banco Fonseca & Burnay, servia de sede e vestiário.”⁽⁷⁴⁾

Faltavam bolas, botas, camisas e calções. Aí por volta de 1922, o Café Avenida, podia-se considerar, a sede, o ponto de reunião dos dirigentes e jogadores. Com o aumento do Clube, viu-se que era necessário deixar o campo da Feira, pois devido as grandes marés, que deixavam o terreno empapado, não podiam jogar durante semanas.

Por vezes o Olhanense, nos primeiros tempos, deixava de treinar, porque não tinha uma bola sua. Quando havia deslocações, abria-se uma subscrição nos estabelecimentos comerciais, para arranjar dinheiro para a viagem, feita numa terceira classe do comboio.”⁽⁷⁵⁾

Por fim conseguiu-se a cedência da Cerca da D. Maria Ventura, por intermédio de Cândido Ventura e Irmãos. Para esse efeito fizeram uma subscrição pública que rendeu 480\$00, que foi entregue aquela senhora. Mas era preciso nivelar o terreno. Com a ajuda dos sócios, e dos jogadores e com o empréstimo de uma junta de bois, pela Fábrica Fialho, consegue-se preparar o terreno. Foi aqui que pela primeira vez, em 1921, o Olhanense tomou parte em jogos oficiais, na disputa do campeonato regional.”⁽⁷⁶⁾ Nos grandes jogos, os pontos sensíveis eram vedados com os panos das barracas da Feira Anual, que a Câmara Municipal emprestava, dificultando assim a vida dos “Borlistas”.⁽⁷⁷⁾

Em 1922, entrou para a Direcção, Cândido do Ó Ventura. A ele se deve a iniciativa da construção do Stadium Padinha, cujo terreno tinha sido cedido ao

(73) António Jacinto Ferreira - “Nosso Velho Companheiro de Luta”
In Sport. Olh. 1979 N° 294

(74) In Jornal Stadium 1945 - Maio

(75) Luciano de Sousa - “Carta de Buenos Aires” - In Sport. Olh. 1981 N° 334

(76) In Jornal Stadium 1945 - Maio

(77) Luciano de Sousa - “Carta de Buenos Aires” - In Sport. Olh. 1981 N° 338

Olhanense, pelo Julião Florentino Topa, por 30.000\$00, a pagar em prestações. A escritura de Sociedade Anónima, foi assinada em 20 de Outubro de 1923, perante o notário da comarca de Olhão.”⁽⁷⁸⁾

Mas a falta de meios é aflitiva. O Olhanense durante muito tempo, teve apenas 18 sócios e não tinha possibilidades de pagar a renda da sede.⁽⁷⁹⁾ O extraordinário relevo que o Sporting Clube Olhanense conseguiu, não foi devido às suas instalações, nem ao dinheiro gasto com a sua selecção. Deve-se simplesmente à devoção que cada jogador tinha pelo seu clube. Unidos, tudo sacrificavam por uma vitória. Dou apenas um curioso exemplo desta dedicação.

O jogador Grazina, estava há três dias praticamente sem comer, devido a um abcesso num dente, que lhe causava grandes dores. Mas quando chegou a hora do clube ir disputar um desafio, não hesitou e alinhou de cara inchada, com os seus companheiros, conseguindo ainda marcar um golo.”⁽⁸⁰⁾

Foi por estes casos de amor à camisola, que Olhão, foi arrancado do anonimato de uma simples terra, perdida nos confins do país, mencionada nos mapas com letras pouco visíveis, para andar de boca em boca de todos e provocar em todos, a curiosidade de conhecer a terra mãe do Olhanense.”⁽⁸¹⁾

E Arnaldo Martins de Brito, um jornalista bem conhecido, não hesita em escrever:

“Erguendo o seu emblema, o Sporting Clube Olhanense, honra a sua terra, elevando o estandarte de Olhão, distingue a sua província, levantando a insígnia do Algarve, enobrece o país.”⁽⁸²⁾

Ser dirigente deste clube, afogado em dificuldades não era tarefa desejada. Quando era preciso renovar a direcção o responsável por esse encargo, andava de noite juntamente com alguns rubros negros, de porta em porta à procura de elementos para a direcção. Mas nos períodos de crise, as portas fechavam-se. As pessoas fugiam como de palheiro incendiado.”⁽⁸³⁾

(78) In Diário do Governo - III Série Nº 19 - 23/3/1924

(79) José Barbosa - “O Desporto em Olhão” - In Sport. Olh. 1989 Nº 521

(80) Abílio Gouveia - “Miscelânea” In Sport. Olh. 1978 Nº 261

(81) José Barbosa - “Homenagem a Cândido Ventura” - In Sport Olh. 1969 Nº 89

(82) Arnaldo Martins de Brito - “Exemplo de Dignidade Desportiva”
In Sport. Olh. 1977 Nº 244

(83) António Jacinto Ferreira - “Para que os Mais Velhos Recordem”
In Sport. Olh. 1982 Nº 366

Jacinto Ferreira, nunca fugiu. Foi vogal pela primeira vez, sob a direcção de Simões Chumbinho, nos fins dos anos vinte. Mais tarde trabalhou na direcção de Roque Féria Ponce e tinha a seu cargo a tesouraria, mas o cofre estava vazio”. Noutra tempo apareceu um jovem jogador vindo de Angola, com grande talento, de nome Ângelo Pereira, que fez questão de treinar no Olhanense, clube que admirava. Provou ser bom jogador e deitamos-lhe a mão. Por 15 contos!

Foi o tesoureiro quem desembolsou a quantia e não está arrependido, já que se tratou de um bom reforço, pelo que ninguém ficou surpreendido com a sua abalada mais tarde e tão pouco com o... seu regresso.”

“Um dia, numa reunião da referida Direcção, foi decidido, aceitar a proposta apresentada pelo Lusitano de Évora, com vista à transferência de Ângelo Pereira para o Clube Alentejano, pela importância de 15.000\$00, que foi aprovado pela maioria dos meus colegas. Discordei e pedi a demissão do cargo. Afastei-me da Direcção mas não do clube, que continuava entranhado na minha alma. Pedi a demissão de director, mas continuei estreitamente ligado ao clube. Prometi a mim mesmo, jamais me sentar nas cadeiras da direcção.

Mas um dia vieram ter comigo, e tanto insistiram para voltar para a direcção do clube, que eu acabei por aceitar, quebrando o juramento feito. Regressando às cadeiras directivas, impus uma condição: tentar o regresso do atleta Ângelo Pereira. Eu sabia que o Sporting Farense, também estava a tentar a sua transferência.⁽⁸⁴⁾

Aproveitei uma reunião que se estava a fazer de tarde, e propus que se fizesse uma ligação telefónica para Évora, mais precisamente para a sede do Lusitano. Os meus colegas argumentaram que não valia a pena, porque a essa hora não conseguiríamos contacto com os dirigentes alentejanos. Mas eu não desisti e feita a ligação, consegui o desejado contacto, já que à mesma hora, também reunia, a direcção do Lusitano. E sabem para quê? Para apreciarem a oferta feita pelo Sporting Farense em relação a... Ângelo Pereira, pelo que eu sem quaisquer preâmbulos perguntei: -Quanto pretendem pela transferência do jogador? - E do outro lado do fio: 20.000\$00 pagos no acto da celebração da transferência. E se eu chegar, ainda esta noite a Évora, com o dinheiro?

O dirigente que me escutava, pediu-me para eu aguardar, já que tinha

(84) António Jacinto Ferreira - “Nosso Velho Companheiro de Luta”
In Sport. Olh. 1980 N° 322

que pôr o assunto à apreciação dos seu colegas. Chegado ao telefone, Dir-me-ia que não era possível porquanto se achavam comprometidos. Mas eu não desisti, porque não era daquela qualidade de me deixar derrotar e por isso reafirmei: de qualquer modo eu vou seguir, agora mesmo para Évora, levando comigo o dinheiro.

Às 23 horas encontrava-me em Évora. Eu, a respectiva credencial e o dinheiro. Às 24 horas estava na sede do Lusitano. Com o dinheiro, porque sem dinheiro nada poderia fazer, teve que se pedir a várias pessoas. Uma dessas pessoas, foi o meu amigo e sócio da firma, Francisco Martins, que abonou uma verba, mas frisou: “Empresto o dinheiro ao António Jacinto Ferreira e não ao clube. E isto porque o clube não tem um centavo e jamais pagará e tu sim, pagar-me-ás, mas tem juízo, pois já não tens idade para estas coisas.” Fui no meu automóvel, e o Dr. Arnaldo de Matos, prontificou-se a acompanhar-me, companhia que não rejeitei, mas não jantamos, apenas comemos umas sandes pelo caminho.

Com o Ângelo Pereira na nossa presença, o Olhanense representado por mim e pelo Dr. Arnaldo de Matos, discutimos com os representantes do Lusitano Clube de Évora. Chegou-se a acordo e regressamos os três a Olhão.

Logo de manhã, chegou um telefonema do Lusitano, dizendo que estavam lá os representantes do Sporting Farense, oferecendo uma maior quantia pelo “passe” de Ângelo Pereira e que por isso o Olhanense deveria ceder o jogador ao clube de Faro, e nós, o Lusitano e o Olhanense, receberíamos o lucro da transacção... a meias! Recusei imediatamente semelhante negócio.”⁽⁸⁵⁾

Jacinto Ferreira, foi reeleito para os corpos gerentes seguintes, sob a presidência, de Lourenço Mendonça. Logo na primeira reunião da direcção, propôs a mudança da sede, para uma casa maior e num sitio mais central. Ele morava na Avenida da República, na casa onde viveu a poeta João Lúcio, e reparava que a seu lado existia um grande armazém, onde havia funcionado um depósito de madeiras. Foi difícil tratar do assunto, mas com a sua persistência, conseguiu por fim alugar esse local, por 300\$00 mensais. Tempo depois vieram também a ocupar o primeiro andar.

Mais tarde é eleito para Presidente do Conselho Geral, um cargo espinhoso, pois apareciam sempre questões delicadas para resolver. Foi o

(85) António Jacinto Ferreira - “Nosso Velho Companheiro de luta”
In Sport. Olh. 1980 N° 324

exemplo de uma vida ligada aos destinos do Sporting Clube Olhanense, dando provas de firmeza e constância, e não recuando quando era preciso tomar decisões.

Jacinto Ferreira, quer na Progresso Recreativa, quer no Clube, trabalhou sempre, para uma sociedade olhanense mais perfeita e uma melhor compreensão entre todos.



O ARMAZÉM NA AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 42 AO LADO DO RESTAURANTE “O KINKAS” ONDE ERA GELADO O PEIXE PARA TODO O PAÍS, ANTES DE IR PARA A COMPANHIA PORTUGUESA DE CONGELAÇÃO COMO GERENTE